

A photograph showing a person's hand reaching towards a book on a shelf in a library. The hand is wearing a grey sweater. The background is a blurred view of a window with light coming through. The text 'BREVES VIDA CRISTÃ' is overlaid on a yellow banner in the top right corner of the image.

BREVES
VIDA CRISTÃ

O que ler?

Nosso mapa do mundo
Ficar com o melhor



Luis Ramoneda - Carlos Aixelà

O QUE LER?

www.opusdei.org

Índice

- O que ler? (1): Nosso mapa do mundo
- O que ler?(2): Ficar com o melhor

O que ler? (1): Nosso mapa do mundo

A leitura nasceu quando a humanidade começou a anotar as máximas dos seus sábios, os códigos que recolhiam os costumes e as leis, os relatos dos acontecimentos nos quais cada povo havia se forjado...Até então a cultura – cultivo da alma – só se transmitia por meio da oralidade: unicamente o que os indivíduos retinham na memória era passado às gerações seguintes, como um valioso mapa do mundo, uma tocha em meio à obscuridade.

Hoje, ouvir continua sendo fundamental na nossa vida: dirige o nosso primeiro acesso à linguagem, lhe dá forma, e, sobretudo, faz possível o diálogo, que é uma das fibras do tecido da vida. Ao mesmo tempo, para escutar e dialogar de verdade, torna-se necessário ler. A leitura ocupa por isso um lugar insubstituível na cultura: a memória da humanidade é hoje também, em grande medida, palavra escrita, letra que espera o diálogo com um leitor.

Prestar atenção

Escutar e ler são hábitos essenciais para ampliar nosso horizonte, em si mesmo limitado, para amadurecer perspectivas, compreender a complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade do real... Supõem, um e outro, a capacidade de prestar atenção. Os meios de comunicação, as redes sociais e as companhias telefônicas disputam precisamente a nossa atenção como o seu capital mais valioso. É fácil que a abundância de chamados a fragmentem, como acontece a alguém que está sendo constantemente interrompido. Essa atenção fragmentada não deixa de ser útil para os benefícios do *Big Data*, para os gigantes da comunicação, mas talvez nos empobreça, porque tende a lançar-nos para fora e assim pode nos deixar sem *dentro*. Diante dessa dinâmica de dispersão, a capacidade de prestar atenção a *uma* coisa, a um livro, a uma conversa, tem em si um grande potencial.

A verdadeira atenção é muito mais do que um esforço ocasional para reter dados: permite que a realidade, as pessoas, os acontecimentos... atinjam-nos, nos surpreendam, e que as relações que nascem com esses encontros se mantenham vivas dentro de nós. A escuta e a leitura, como formas de atenção, fazem possível a vida espiritual. E, por isso, humanizam o mundo, e contribuem para reconciliá-lo com Deus. Quem lê e escuta aprofunda na experiência do que vive, graças a um processo de interiorização, análogo ao que aconteceu quando Natã, por meio de uma parábola, levou o rei Davi a fazer penitência[1].

Legere originalmente significa recolher, reunir. Ser verdadeiramente capaz de ler é mais que saber dar som às letras: é ser capaz de recolher-se, de habitar dentro de si mesmo, de *ler* as situações e as pessoas. A cultura humana, que é um grande diálogo, se nutre dessas aptidões. E, no entanto, inclusive para uma pessoa com uma cultura média, a aceleração da vida intensifica o risco de não ler, de que, arrastados pela multiplicação contemporânea das fontes de atenção, as semanas e

os meses passem sem que encontremos tempo para nos sentar com um livro nas mãos. Nosso mapa do mundo, então, podendo ter três dimensões, se limitaria a umas linhas precárias. E nosso diálogo com os outros, em vez de perceber a grande escala de matizes da realidade pessoal e social, ficaria em quatro cores elementares, com os quais seria difícil contribuir, ajudar a melhorar o mundo.

São Josemaria sempre animou os que se conviviam com ela a ter um olhar amplo e a cultivá-lo, porque um cristão é uma pessoa capaz de assombrar-se, disposta a pensar, a rever as próprias opiniões, para levar o Evangelho a todos os lugares. A leitura bem escolhida – *non legere, sed eligere*, diz um adágio clássico – é uma das chaves mestras dessa atividade apostólica. “Para ti, que desejas formar-te numa mentalidade católica, universal, transcrevo algumas características: – amplidão de horizontes, e um aprofundamento enérgico no que é permanentemente vivo na ortodoxia católica; – empenho reto e sadio – nunca frivolidade – em renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da história...; – uma cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; – e uma atitude positiva e aberta ante a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida”[2].

O hábito de ler

Pedagogos e especialistas em educação de jovens ressaltam que é difícil alcançar hábitos de leitura se não foram adquiridos na infância. Também se constata com frequência diferenças significativas entre as crianças que leem e as que não o fazem quase nunca: os que leem costumam ter maior facilidade para se expressar, maior capacidade compreensiva, um melhor conhecimento próprio. Entretanto, aqueles que se focam em outras formas de entretenimento costumam ter mais dificuldades para amadurecer. Talvez não o uso, mas o abuso dos videogames, por exemplo, faz com que o jovem seja, às vezes, menos imaginativo: seu mundo interior se desertifica, e se encontra dependente dos estímulos, excessivamente básicos, dessas formas de diversão. Contudo, é óbvio que não se consegue fomentar a leitura à base da demonização da televisão ou dos videogames, ou apresentando-a como um dever moral. Em vez disso, é necessário atingir o fundo da alma, despertar a fascinação pelas histórias, a beleza, a centelha da inteligência e da sensibilidade.

É bom descobrir em cada família quem pode exercer esse papel: o pai, a mãe, um irmão mais velho, um avô... e apoiar-se também no trabalho de professores, monitores do clube juvenil, etc. Quando se dá atenção à sensibilidade do jovem leitor, ele mesmo descobre o seu itinerário, que inclui os grandes marcos da literatura universal – cada um no seu momento –, e outros títulos que corresponderão à sua personalidade. Esta tarefa, que não requer muito tempo, mas sim um pouco de cabeça e constância, é decisiva. Às vezes, será preciso ajudá-los – também com o exemplo – a encontrar momentos para ler, para que experimentem o prazer da leitura, sem cair no egoísmo de preferi-la sempre ao diálogo e à convivência. Provavelmente muitos recordamos os primeiros livros que nos presentearam ou que lemos, as histórias que nos contavam na infância, as edições de obras clássicas ou textos de história sagrada adaptados para crianças.... Talvez ficou gravada em nós a personalidade daquele professor que nos revelou a poesia, ou que contagiou o seu entusiasmo por um determinado autor.

Quando se começa o trabalho profissional e a vida se acelera, mesmo quem percebe os benefícios da leitura talvez descubra que o tempo que pode dedicar-lhe é muito breve. Daí a importância de saber defender um momento para ler: talvez não seja muito o que se consiga a cada dia, mas é questão de prioridades, de ordem, de tirar minutos de atividades menos importantes. Em parte, “não é tempo o que nos falta, mas sim concentração”[3]. Ao mesmo tempo, uma pessoa desfruta quando sabe aproveitar situações recorrentes: viagens de trem, avião, transportes públicos, esperas e, é claro, momentos de descanso. Quem traz consigo sempre um livro – coisa que agora se torna fácil de conseguir com os leitores digitais, tablets, etc. – pode aproveitar minutos preciosos, às vezes, imprevistos. Mesmo que o soma de poucos momentos pode parecer uma irrigação gota a gota, passam os dias e os meses, e cresce a vegetação.

As tecnologias digitais também facilitaram a proliferação de audiolivros e áudios de artigos de revistas, e inclusive a leitura automática de quase qualquer texto: recursos muito úteis para quem tem de passar, por exemplo, muitas horas ao volante, ou caminhando, ou realizando trabalhos domésticos. Os audiolivros, sobretudo quando se trata de boas gravações, mostram que ler é outra forma de escutar, e nos remete de certa forma àquela época na qual ao redor de um leitor se reunia um grupo de ouvintes que gozavam de um dom de que careciam: saber ler!

Diante da maré de livros

A cada ano se editam milhares de livros no mundo, sem contar a prodigiosa literatura científica, cada vez mais especializada. Além disso, a internet dá acesso, muitas vezes gratuitamente, à infinidade de meios de comunicação e serviços de informação e de opinião. Diante de tantas possibilidades, e com a evidente limitação de tempo de cada um, torna-se mais atual do que nunca essa consideração que São João Paulo II fazia, retrospectivamente: “Sempre tive este dilema: o que devo ler? Buscava escolher aquilo que fosse mais essencial. A produção editorial é tão vasta! Nem todos os livros têm o mesmo valor e utilidade. É preciso saber escolher e pedir conselho a respeito do que merece ser lido”[4].

A leitura pode ser um bom entretenimento para momentos de descanso: há uma abundância de livros nesse sentido. Certamente, outra coisa é a leitura – talvez mais serena e espaçada – de obras que elevam o espírito. Existe uma longa tradição de livros que educam e ao mesmo tempo divertem, mas mesmo assim pode acontecer que uma pessoa dedique quase exclusivamente seu tempo de leitura aos livros de evasão. Não se trata, portanto, da materialidade de “ler muito”, mas de ler – de acordo com a capacidade e as circunstâncias de cada um – também obras de qualidade filosófica, teológica, literária, histórica, científica, artística, etc., para que a nossa visão do mundo enriqueça. São tantas as histórias, os enfoques, os campos do saber que podem fazer-nos crescer por dentro que, com um pouco de paciência, sempre se pode encontrar um livro de qualidade adaptado a cada um.

Na hora de escolher, é importante ter em conta que várias empresas de comunicação controlam negócios editoriais e, logicamente, ao informar, dão prioridade às publicações do seu grupo, em detrimento de outros livros talvez mais valiosos, mas editados por empresas menores ou com menos presença na

imprensa, no rádio, na televisão. Por isso convém evitar a valorização exagerada da última publicação, ou do mais vendido, como se isso fosse garantia de qualidade. “Há livros dos quais a capa e a contracapa são, de longe, o melhor”[5], escrevia, ironicamente, Charles Dickens. Querer estar sempre na última poderia fazer com que se nos escapassem outros títulos mais divertidos, inteligentes ou criativos, esquecidos nas estantes das bibliotecas ou de nossa casa. Se não se dispõe de muito tempo e existem tantos livros bons, vale a pena escolher cuidadosamente o que se lê e não se deixar levar apenas por simples anúncios publicitários.

Quando alguém assistiu a um filme medíocre, pode lamentar-se por ter perdido duas horas da sua vida. No entanto, quando chegamos ao final de um livro talvez bom, mas que nunca chegou a interessar-nos de verdade, podemos ter perdido muito mais tempo. Se um livro não consegue conquistar-nos, e não há motivos especiais para lê-lo, talvez não valha a pena prosseguir com a leitura: esperam-nos muitos outros livros que talvez nos enriquecerão mais. O *zapping* com os livros pode esconder impaciência ou falta de firmeza, mas, não poucas vezes, permite encontrar títulos que fazem desfrutar e crescer a cada um.

O leitor que se aproxima de um livro não assina nenhum contrato com o autor, que o proíba de ler na diagonal, ou deva se comprometer a chegar até o final do livro. Há quem tenha o costume de abrir os livros em uma página determinada: se essa página lhe interessa, lê o livro, se não, o deixa. É bom, sem dúvida, dar ao autor a oportunidade de ganhar nossa atenção, mas, por outro lado, por que dedicar tempo a um que não entendemos? É claro que, como pode acontecer com os grandes clássicos, a falta de sintonia às vezes se deve a uma carência na formação literária. Talvez uma obra deverá descansar um tempo na prateleira: poderemos retomar após alguns meses ou anos, ou encontrar outro bom livro no caminho. De qualquer forma, uma vida inteira não seria suficiente para ler os livros que hoje se consideram como clássicos. Também se aprende a escolher entre eles, como as amizades: de Aristóteles a Shakespeare, de Cícero a Molière, Dostoiévski a Chesterton. “É qualquer livro discreto/que se cansa, de falar deixa/um amigo que aconselha/e repreende em segredo”[6].

Texto: Luis Ramoneda - Carlos Aixelà

[1] Cfr. 2 Sam 12, 1-19.

[2] São Josemaria, *Sulco*, 428.

[3] A. Zagajewski, *Na Beleza Alheia*, Valencia, Pre-textos 2003, 165.

[4] São João Paulo II, *Levantai-vos! Vamos!* 2004, 89.

[5] C. Dickens, *Oliver Twist*.

[6] Lope de Vega, *A viúva valenciana*, Castalia, Barcelona 2001, 104.

[Voltar ao índice](#)

O que ler?(2): Ficar com o melhor

Há livros que mudam a nossa vida. Assim aconteceu a Santo Agostinho quando leu o *Hortensius* de Cícero. Como escreveria anos mais tarde nas Confissões, o livro “mudou meus sentimentos e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas, e fez com que mudassem meus votos e desejos (...) e comecei a me reerguer para voltar a ti”[1]. Seu caminho para Deus, após muitas idas e vindas, ganhou uma direção mais decidida para a conversão, que foi selada também com um livro entre as mãos: uma passagem da Carta aos Romanos derrubou o último muro que o segurava[2].

Compartilhar as boas descobertas

Nem todos livros marcarão um antes e depois tão claro em nossa vida, mas o que lemos sempre nos modifica de alguma forma: afina ou entorpece a nossa alma, abre ou estreita horizontes. Nossa personalidade reflete – mais à medida que passa o tempo – tanto os livros que lemos quanto os que não lemos. Quem, ao longo dos anos, se nutre de leituras selecionadas com bom critério, adquire um olhar aberto sobre o mundo e as pessoas, sabe medir a complexidade das coisas, e desenvolve a sensibilidade necessária para deixar de lado a banalidade e não subestimar a grandeza.

Nem sempre é fácil encontrar, de primeira, livros que nos ajudem a crescer, inclusive quando se trata simplesmente de distrair-se: por isso é muito útil acudir ao conselho dos outros. Ao tentar se encontrar em uma cidade, se alguém pergunta às pessoas do lugar, constata com frequência que oferecem dados valiosos que talvez o GPS não proporcionasse. E, da mesma forma que nos orientamos com pessoas experientes, podemos recomendar a outros os bons livros que lemos. Falar do que se lê enriquece a vida familiar e as conversas com amigos, que, às vezes, acabarão por tomar forma de tertúlias literárias ou outras atividades culturais, como as que unem pontes entre literatura e cinema. E se as boas leituras se transmitem muito eficazmente de boca em boca, também é útil organizar clubes de leitura, frequentar boas livrarias, manter o contato com livreiros e estabelecer com eles um diálogo frequente, que costuma enriquecer a ambas as partes.

Existem muitas seleções de livros de qualidade, classificadas por idades, áreas temáticas, gostos. Contudo, a melhor seleção é a que cada um vai fazendo por conta própria, com base nos conselhos de amigos com gostos semelhantes, de referências retiradas de uma aula, uma palestra, uma conversa... Como não podemos ler imediatamente tudo o que nos interessa, é bom fazer um plano de leituras, recolhendo as referências para mais adiante. Isso nos dá a serenidade de saber que, de certa forma, não perdemos de vista um título, e permite que, quando queiramos ler algo, não iremos começar com o primeiro que cair nas nossas mãos.

Disse-se que a internet é, em certo sentido, uma imensa máquina de repetição. Com a invenção da imprensa, já se constatou que quanto mais fácil é a publicação de textos, mais proliferam os livros medíocres ou banais. No entanto, junto a uma grande quantidade de material de escassa qualidade – às vezes realizado com a melhor das intenções –, a internet esconde nas suas entrelinhas textos que oferecem muitas chaves da atualidade, indicando também as ideias de fundo, sobre as quais muitos dos meios de comunicação mal se perguntam. Também aqui é bom definir, com ajuda de bons conselhos e com a própria experiência, os *sites* ou autores a que queiramos seguir. As aplicações para se inscrever a determinados conteúdos, ou para a leitura *offline* de textos que nos interessem, são uma boa ajuda nesse sentido. Além disso, a rede aumenta as possibilidades de acesso a algumas obras clássicas, ou a outras antigas, esgotadas ou difíceis de encontrar em livrarias ou em bibliotecas.

Dialogar com os livros

Crítica, do grego *krinein*, significa originariamente discernir, escolher. Ler com capacidade crítica supõe tirar o melhor de cada livro. Os autores, assim como nós, estão condicionados pelo seu contexto e cultura, e por isso, quando lemos, é bom nos perguntarmos: por que esse autor se expressa deste modo? Quais são os ideais de sua época que projeta em seus personagens? Qual é sua percepção dos valores perenes, como a amizade, o perdão, a lealdade, etc.? Não se trata, obviamente, de adotar uma atitude reativa, que esconderia talvez certo pessimismo ou insegurança. O que mais interessa é descobrir as luzes e sombras de cada obra e, se for o caso, purificar algumas ideias ou propostas. Assim se entra em um diálogo interior com o livro, que inclusive pode levar a diálogos reais com os autores (que costumam agradecer a correspondência e sugestões de seus leitores), nos quais virão à tona as suas próprias convicções: algumas se corrigirão talvez com o intercâmbio, e outras ao menos receberão novos matizes. Para um cristão, provavelmente o melhor modo de fomentar um equilibrado senso crítico é ler com sentido apostólico: não só com vontade de passar um momento agradável, mas também com ânimo de compreender as categorias intelectuais dos nossos contemporâneos, para purificá-las e harmonizá-las com os valores do Evangelho.

Com essas coordenadas, a leitura nos ajuda a formar convicções profundas e sólidas, bem justificadas, de forma que cada um adquire seus critérios de juízo e desenvolve a sua própria personalidade e estilo. Algo semelhante ocorre com os filmes que vemos: quando um nos surpreende, pelos valores que descobrimos nele, ou por sua estética, revelam-se com maior plasticidade aspectos da nossa própria vida, nossa visão do mundo, das pessoas. Assim, cada um forma o seu próprio discernimento, e sabe que toma as decisões retas sobre a base de critérios que entende e que é capaz de explicar. Consegue-se, desse modo, uma visão pessoal, enraizada ao mesmo tempo na fé cristã, que robustece a unidade de vida.

Algo se move na alma

Um bom leitor costuma ser também um *releitor*: alguém que volta sobre obras que lhe marcaram. Um modo eficaz de ser *releitor* é, às vezes, tomar algumas notas, que nos permitam voltar mais adiante sobre o canto de nosso interior que se iluminou com uma determinada leitura. Esse costume nos ajuda a conhecermos e a adquirir um olhar mais penetrante sobre a realidade e sobre os outros. Há

vezes em que gostaríamos de evocar uma história ou uma passagem que um dia nos chamaram a atenção, e não somos capazes de recuperá-la: tê-la anotada será então uma grande coisa.

Entretanto, também nisso é necessário buscar um equilíbrio: é bom deixar-se surpreender por nossa memória, que retém mais do que nos parece. Ao mesmo tempo, a leitura deixa um rastro muito mais profundo em quem, com a escrita, alimenta o diálogo interior da alma: muitas vezes, não se tratará tanto de copiar passagens inteiras como anotar nossas impressões, tentar dar forma às intuições que querem abrir passagem dentro de cada um. Com esse trabalho paciente, nossa viagem se enriquece por meio de geografias, culturas e sensibilidades: as paisagens não passam simplesmente diante de nós, mas nos formam por dentro, e nos permitem *compreender* os problemas, os desejos, o talento das pessoas. Melhora assim a nossa compreensão do mundo, e nos mantemos à altura do desafio constante da nova evangelização à qual nos urge o Santo Padre, que passa por uma nova *inculturação*.

Responsabilidade pessoal

Ao recordar suas visitas com jovens aos hospitais em Madri, São Josemaria contava como procuravam fazer-lhes “um momento de companhia e algum serviço material: lavar-lhes as mãos, os pés ou o rosto; cortar suas unhas, penteá-los... Não podíamos levar-lhes comida, porque estava proibido, mas sempre lhes deixávamos alguma boa leitura”[3]. Sua solicitude de pastor de almas lhe levava a lembrar a todos a importância de escolher as leituras com sentido de responsabilidade, pelo profundo impacto que têm na formação intelectual e espiritual de cada um. O Catecismo nos recorda, nesse sentido, de como “o primeiro mandamento manda-nos alimentar e guardar com prudência e vigilância nossa fé e rejeitar tudo o que se lhe opõe”[4]. Assim o aconselha também o Papa: “Se vejo que um programa não me faz bem, destrói-me os valores, torna-me vulgar, até resvalando na obscenidade, devo mudar de canal. Como se fazia na minha ‘Idade da Pedra’: quando um livro era bom, tu lia-o; quando um livro te fazia mal, jogava-o fora”[5]. Escolher um livro, assim como escolher os amigos, ir ao cinema ou ver uma obra de teatro, é um ato responsável e livre para cada cristão, e tem também suas conotações morais[6].

Ante o risco da ignorância ou a superficialidade, um conselho que se poderia dar é que convém ler em abundância: autores diversos e contextos variados. Assim se forma uma mentalidade aberta, que supera os preconceitos infundados e os lugares comuns, e que está preparada para viver e comunicar a fé de uma maneira atrativa. Ao mesmo tempo, a responsabilidade na própria formação leva a procurar ler livros de qualidade: escolher aquilo que ajuda realmente a crescer, humana e sobrenaturalmente. Um sábio conselho para este discernimento: “Os grandes livros têm cortesia de reis magnânimos: acolhem o leitor como se fosse um igual. O escritor medíocre trata de humilhar-nos para ocultar sua posição baixa”[7].

O conselho de pessoas com mais experiência pode ser uma ferramenta muito valiosa para formar nosso plano de leituras, para compreender bem os diversos autores e para saber em que pontos podem ter uma visão um pouco parcial ou incompleta. Em muitas ocasiões, um comentário amigo pode nos revelar uma

obra até então desconhecida, e abrir-nos um amplo horizonte cultural, intelectual ou espiritual. Em outras, nos fará evitar perder tempo com leituras banais, que promovem condutas contra a convivência pacífica, que atacam a religião, etc. Também sabemos que certos livros poderiam nos fazer mal, porque nesse momento não temos a formação necessária para digeri-los: há pães que poderiam ser excessivamente duros para nossos dentes. É bom ter a humildade intelectual de reconhecer nossos limites: não é escrúpulo, é prudência. Com a ajuda de outros, encontramos alternativas para nossas inquietações: leituras mais ponderadas, que com o tempo talvez nos permitirão, se for necessário, enfrentarmos esses outros pães que em outras circunstâncias nos fariam mal. Em síntese: se trata de que a cultura que cada um vai construindo com a leitura encarne os ensinamentos de Jesus Cristo e se vincule à nossa experiência vital. Tanto quem lê livros desaconselháveis como quem lê pouco são mais vulneráveis aos erros, mesmo que seja por caminhos diferentes.

Aconselhar e aconselhar-se

Uma consequência do valor do conselho é imediata: a necessidade de que cada um colabore também com os outros, aconselhando. O conselho pessoal ajudará sempre os nossos familiares e amigos a escolher obras de qualidade que possam enriquecê-los. Também é útil participar em iniciativas que oferecem resenhas literárias, cinematográficas, culturais, etc. O esforço de dedicar alguns minutos para compartilhar as próprias impressões pode ajudar a muitas pessoas. Também aqui vale o princípio de que o ótimo pode ser às vezes inimigo do bom: é preferível uma breve resenha, escrita enquanto temos a leitura fresca, a um projeto de análise pormenorizada que acaba por não ser feito. Quanto mais colaboradores participem dessas iniciativas, mais objetivo e acertado resultará o conselho.

A informação oferecida por revistas, suplementos culturais, etc., também pode ser valiosa. Não é difícil descobrir críticos certos, por seu bom trabalho, pela boa preparação cultural e doutrinal, pelo tom ponderado de suas opiniões. São diversos indicadores que nos ajudam antes de tomar a decisão de ler ou adquirir um determinado livro.

Em todo caso, é bom evitar visões reducionistas ou superficiais sobre a necessidade de pedir conselho ou de ter em conta as orientações que nos possam dar. O fato de que um livro seja visto de modo concreto é sempre sugestivo e prudencial, e não deve estranhar que algumas dessas análises mudem com o tempo, ou o que para uma determinada pessoa não tenha inconvenientes o tenha para outra. A avaliação é um guia para nos ajudar a escolher com responsabilidade, mas, ao mesmo tempo, não exclui que peçamos conselho na direção espiritual, quando pensarmos que será oportuno para nossa alma. Por outro lado, o fato de estar atentos à análise moral de um produto cultural não nos deve levar a perder de vista o essencial: a importância de ler, e na medida de nossas possibilidades, ler muito.

Não apagueis o Espírito, não desprezeis os dons de profecia, mas examinai tudo e guardai o que for bom. Afastai-vos de toda espécie de mal[8]. A abertura da alma, a amplitude de horizontes, são autênticas quando vibram com a busca e o encontro, cada vez mais apaixonados e, ao mesmo tempo, mais serenos, da Verdade e da

Beleza.

Texto: Luis Ramoneda – Carlos Ayxelá

Fotos: Pingz Man/ Nicki Man (CC)

[1] Santo Agostinho, *Confissões* III.4.7.

[2] Santo Agostinho, *Confissões* VIII.12.29.

[3] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 20-XII-1970.

[4] Catecismo da Igreja Católica, n.2088.

[5] Francisco, Discurso, 6-VI-2015.

[6] Sobre este aspecto, cfr. Ángel Rodríguez Luño, “*Factores culturales de especial incidencia en la formación espiritual, apartado 2* (“La lectura””, disponível em: collationes.org.

[7] N. Gómez Dávila, *Escolios a un texto implícito* (vol. 1), Instituto Colombiano de Cultura, 1977, p. 325.

[8] 1 Tes 5, 19-22.

[Voltar ao índice](#)

www.opusdei.org